

JOGADA

Ceará festeja 109 anos de vida; à noite, enfrenta a Chapecoense no Castelão P.20

Diário do Nordeste

2 de junho de 2023 Ano 42/Nº14751

SEXTA-FEIRA

Fundador: Edson Queiroz

www.diariodonordeste.com.br

Enel é multada em R\$ 15 milhões pelo Decon

O Programa Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor aplicou, ontem, multa de R\$ 15 milhões na Enel, “devido à constatação de práticas irregulares adotadas, além de ineficiência na prestação do serviço público”. Foi a maior multa dada pelo órgão até hoje P.2 e 3

FOTO: FABIANE DE PAULA



Pesquisa tenta interromper transmissão de hanseníase no Estado P.4 a 10

Janneheyre da Costa Lopes, 52, é acompanhada pelo PEP++ há um ano



Pesquisa internacional tenta interromper transmissão de Hanseníase no Ceará

Tratamento inovador reduz em até 90% o risco de desenvolver Hanseníase entre contatos de novos pacientes. Desde o início, foram alcançados 2.223 contatos nos municípios de Fortaleza e Sobral, únicos do País no projeto

#Tratamento Ideides Guedes ideides.guedes@svm.com.br

Bloqueio de transmissão

Algumas colegas de trabalho de Janneheyre da Costa Lopes, 52, avistaram as primeiras lesões. Todas ficaram preocupadas, porque pontos rosados estavam espalhados por todo o braço da mulher que fazia tratamento de câncer de pele. De pronto, imaginou ser uma alergia. Os dias passaram, as lesões aumentaram de tamanho e mudaram de coloração. Procurou atendimento médico. Ela acredita que a vaidade foi a salvação.

Janne convivia com cirurgias quase todos os meses, por conta do surgimento de novas lesões. Desde que descobriu o câncer de pele, antes dos 30, sempre usa roupas de manga longa. Também diminuiu a quantidade de idas à praia e começou a usar o protetor solar.

Sem contato físico, por conta das medidas sanitárias na pandemia, o médico, de longe, disse ser pano branco, também chamado de 'micose da praia', e passou uma medicação por quinze dias. Noutro mês, Janne voltou ao hospital e mostrou as manchas para outro médico, que pediu para que ela tocasse nas lesões. Perguntou se ela sentia ao

tocar. Ela confirmou, porque a mente e visão mostravam o movimento de toque. Ele cogitou ser uma doença neurológica que desaparece com o tempo ou sífilis, doença sexualmente transmissível.

Na UAPS Abel Pinto, localizada no Demócrito Rocha, em Fortaleza, fez o teste e deu negativo. No mesmo dia, marcou uma consulta com um clínico geral e contou toda a peleja da busca pelo diagnóstico.

Ele também deixou o diagnóstico em aberto, mas pediu para que a mulher fizesse a baciloscopia para descartar a Hanseníase. O exame, uma espécie de raspagem nas orelhas ou cotovelos, pode ser negativo nas fases iniciais da doença. A análise não descartaria o diagnóstico, pois deve se basear principalmente nos sintomas clínicos.

Após quinze dias, Janne foi chamada para receber o resultado de Hanseníase. Recusoso, o médico informou sobre a positividade da doença. Preocupada, a mulher começou a pensar em como contaria o diagnóstico à família. Tinha medo de contaminar as pessoas que amava. Recebeu apoio dos filhos, mas sofreu preconceito dos pais. A época, também ficou desempregada. A saúde mental não

“

A quimioprofilaxia pode ser uma ferramenta adicional nas estratégias de prevenção da Hanseníase, contribuindo para o controle epidemiológico e na redução de novos casos

Aymee Medeiros
Gestora do Programa PEP++ no Brasil

aguentou. Orientada, buscou atendimento psicológico e psiquiátrico. Nas sessões, apenas chorava.

Janne é uma das mais de 600 pessoas diagnosticadas com Hanseníase monitoradas por uma pesquisa internacional inovadora para interromper a transmissão da Hanseníase em Fortaleza e Sobral, as únicas cidades brasileiras onde o estudo é implementado. Atualmente, áreas endêmicas de Bangladesh, Índia, Indonésia e Nepal também participam do programa, por concentrarem mais de 80% dos novos casos diagnosticados no mundo.

O programa, da organização social NHR Brasil em parceria com Ministério da Saúde, Governo do Estado do Ceará, Prefeitura de Fortaleza, Prefeitura de Sobral, Universidade Federal do Ceará (UFC) e Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), traz um regime aprimorado de medicamentos para a profilaxia pós-exposição (PEP).

O estudo busca alcançar pessoas com convivência próxima de novos casos diagnosticados, como familiares, vizinhos e membros das comunidades, dado o maior risco de desenvolver a Hanseníase no futuro.

O esquema de prevenção atual, chamado PEP-RDU, reduz em 57% o risco de desenvolver hanseníase entre contatos de novos pacientes. Com o novo esquema do PEP++, os contatos recebem três doses com uma combinação dos antibióticos rifampicina e claritromicina. Com isto, espera-se que o tratamento tenha efetividade de 80% a 90% entre as pessoas participantes no ensaio clínico. Desde o início do projeto, foram alcançados 2.223 contatos no Ceará.

A estratégia busca identificar os contatos, que são pessoas que tiveram convivência prolongada ou regular com pessoas infectadas pela hanseníase. Com período de incubação que pode levar cerca de cinco anos, a pesquisa pode agir antes que os primeiros sintomas da doença se manifestem em quem está sob maior risco. Desta forma, a cadeia de transmissão da hanseníase pode ser interrompida, combinando com estratégias de fortalecimento das capacidades locais, ações de educação em saúde e mobilização de comunidades.

A rotina da enfermeira Saynara de Sousa, idade, é exaustiva para o processo que engloba histórico, exame físico, diagnóstico, prescrição e evolução do paciente. O trabalho é essencial na reinserção do hanseniano à comunidade, através de orientação e controle da doença. Ela é uma das 1.722 profissionais de saúde treinadas pelo programa. Diariamente, entra em contato com o posto de saúde para saber os casos em áreas de concentração de hanseníase em Fortaleza. A partir das informações, faz uma articulação com o agente de saúde do território e agenda uma visita conjunta à casa do paciente.

O acolhimento é uma das condições determinantes para adesão ao tratamento. Na primeira entrevista, pergunta sobre o andamento ou conclusão do uso da medicação. Lá, procura saber se ficou alguma seqüela, se está em processo de reação, e explica a importância da listagem dos contatos.

Ali, pede para que o hanseniano informe todas as pessoas com quem conviveu por cerca de vinte horas semanais nos últimos meses. "Na listagem, pedimos os contatos dos familiares, colegas do trabalho, as pessoas com quem estuda, os vizinhos próximos", conta.

Saynara explica que o sigilo das informações é preserva-

2.223

É o número de contatos alcançados no Ceará desde o início do ensaio clínico para interromper a cadeia de transmissão da hanseníase

1.722

Profissionais de saúde foram treinados pelo programa no Ceará, atuando nos municípios de Fortaleza e Sobral

90%

É a efetividade esperada com o esquema de tratamento PEP++, que utiliza a combinação de três antibióticos

do, principalmente por conta do estigma ainda existente. "A gente não informa devido ao preconceito que é bastante forte. Às vezes, a pessoa não sabe que aquele parente ou amigo teve a doença. Então, a gente mantém o sigilo e aborda essa pessoa ofertando o exame dermatoneurológico e a quimioprofilaxia pós-exposição da hanseníase".

Naquele mesmo local, Saynara realiza o exame de pele se perceber que o paciente é um caso índice, ou seja, o primeiro que foi contaminado. Tendo contatos na residência, a avaliação dermatoneurológica também é feita. Caso encontre alguma lesão, encaminha para uma unidade de saúde mais próxima para que o médico feche o diagnóstico. Sendo hanseníase ou não, é iniciado o tratamento para curar a enfermidade descoberta.

A hanseníase não é diagnosticada por um exame específico. No mês de maio, os primeiros testes rápidos, distribuídos pelo Ministério da Saúde, começaram a ser utilizados nas unidades de saúde do Estado, provavelmente elevando o número de confirmações. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado evitam a evolução da doença, impedindo a instalação das incapacidades físicas. Atualmente, a avaliação é feita por exames complementares: físico geral dermatológico, neurológico e laboratorial.

Seu Francisco Ferreira (nome fictício), 65, recebeu o diagnóstico de hanseníase no início deste ano, e é um dos pacientes acompanhados pelo PEP ++. Naquela manhã de terça-feira, recebeu a primeira visita domiciliar, em Sítio São João, periferia da Capital. O homem foi logo fazendo perguntas sobre o tratamento, e Saynara, bem didática, foi explicando o passo a passo. Na casa, outras três pessoas foram avaliadas: a esposa e dois filhos.

Com uma espécie de lanterna, a enfermeira iniciou a investigação da sensibilidade das mãos e dos pés. Depois, observou olhos e nariz. Na ocasião, fez o teste térmico, para ver se os contatos conseguiam sentir as sensações do quente e frio, e o teste doloroso, para saber se eles sentiam dor na região que estava sendo examinada.

Após realizado o exame dermatoneurológico, os contatos não mostraram nenhum sintoma de hanseníase. Então, Saynara fez a entrega da



O diagnóstico da hanseníase é feito através de exames clínicos



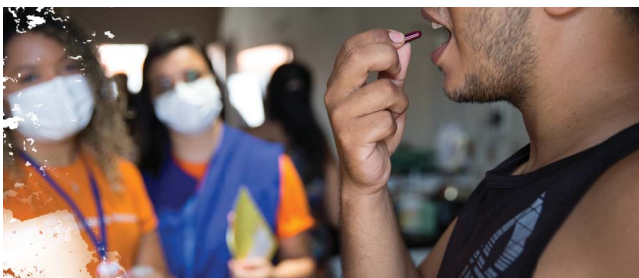
Uma forma de testar é usar a sensibilidade da pele, submetendo-a, por exemplo, à picada, para ver com o a pessoa se comporta ao contato



As manchas de hanseníase, normalmente, são os primeiros sinais para o início da doença



O PEP++ traz a perspectiva de uma combinação de rifampicina e claritromicina em três doses administradas em até 2 meses



O esquema aprimorado (PEP++), com rifampicina e claritromicina, é administrado para os contatos mais próximos das pessoas que tiveram o diagnóstico

medicação de prevenção, que consiste na combinação de antibióticos.

Foi numa oficina da NHR Brasil que a agente comunitária de saúde Maria Balica, 62, começou a perceber que os sintomas que apareciam em seu corpo poderiam ser consequência da hanseníase. Seguiu em direção à sala da enfermagem. Ficou pensativa com as orientações e procurou um médico, que descartou a doença.

Maria não se contentou com o que escutou. Nas semanas seguintes, notou perda de sensibilidade em partes da pele. Entrou em desespero quando uma xícara de café quente caiu sobre as coxas, sem provocar dor. Saiu rápido de casa e ligou para a médica que atenda na mesma unidade básica de saúde onde trabalhava. A amiga tocou em algumas manchas no corpo de Maria, que, mais uma vez, não sentiu. Dias depois, o diagnóstico foi fechado. Hanseníase.

Desde a descoberta da doença, Maria nunca teve receio de se expor. Usa o testemunho como incentivo para outros pacientes aderirem ao tratamento. Seu trabalho é uma extensão dos serviços de saúde dentro da comunidade, pois é quem está mais próxima do território. Ela faz parte dos 1.522 agentes comunitários de saúde treinados para o enfrentamento da hanseníase no Ceará.

Em Sobral, Maria todos os dias visita pacientes com a doença para acompanhar a medicação. Ela conhece diretamente as pessoas do território e, até nas conversas nas calçadas com as vizinhas, consegue notificar possíveis casos. Neste ano, foram registrados 36 casos.

De acordo com Aymee Medeiros, gestora do Programa PEP++ no Brasil, espera-se que a conclusão da pesquisa forneça subsídios necessários para a efetiva implementação da quimioprofilaxia como política de saúde pública em nível nacional no enfrentamento da hanseníase, de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde. "Como uma instituição comprometida com a erradicação da doença, acreditamos que a quimioprofilaxia pode ser uma ferramenta adicional nas estratégias de prevenção da hanseníase para contatos próximos de pessoas acometidas, contribuindo para o controle epidemiológico e na redução de novos casos", esclarece.

Com período de incubação que pode levar cerca de cinco anos, a pesquisa pode agir antes que os primeiros sintomas da doença se manifestem em quem está sob maior risco